

Crescimento do PIB só em 85

O Brasil só voltará a apresentar crescimento econômico a partir do final do próximo ano ou então em 1985, dependendo da recuperação da economia norte-americana para haver aumento das exportações, de acordo com a opinião expressa ontem pelo vice-diretor do Departamento de Câmbio e Relações Comerciais do Fundo Monetário Internacional (FMI), Wilfred Beveridge, após o encerramento das negociações no Palácio do Planalto.

O principal membro da missão que esteve no Brasil garantiu ainda que o FMI "fará tudo que estiver ao seu alcance" para ajudar o País na nova fase de renegociação da sua dívida externa com os bancos internacionais. Já na próxima segunda-feira, segundo ele, o diretor-gerente do Fundo, Jacques de Larosière, informará à comunidade financeira sobre a conclusão dos entendimentos técnicos com o governo brasileiro, dando assim o "sinal verde" que os banqueiros exigem para negociar novos empréstimos.

PROTECIONISMO

Disse também que há uma grande preocupação da parte do Fundo com relação ao comércio exterior de países em dificuldades como o Brasil, e que a questão do protecionismo (barreiras comerciais) deverá merecer atenção especial nos próximos pronunciamentos do diretor-gerente daquele organismo internacional. "O problema todo é operacionalização deste papel do Fundo na reativação do comércio" — explicou, lembrando que uma

das fórmulas, em sua opinião, seria manter contatos diretamente com os ministros de Finanças dos países envolvidos.

Wilfred Beveridge deixou claro que a ajuda ao Brasil junto à comunidade financeira vai depender, de qualquer forma, da conclusão definitiva do novo acordo. Ele não quis admitir formalmente que haverá um telex do FMI aos bancos credores, lembrando apenas que "eles (os banqueiros) saberão imediatamente do término dos entendimentos técnicos até mesmo através da imprensa". Explicou que Larosière está de férias em Londres, mas que ele também está interessado em saber o mais rápido possível o resultado do trabalho da missão.

Retornando a Washington, em voo marcado para esta sexta-feira, a missão do Fundo deverá trabalhar no relatório sobre a economia brasileira. Segundo o vice-diretor de Câmbio e Relações Comerciais, o relatório terá um grande número de páginas, pois há muitas alterações em relação à situação anterior. Quanto à carta de intenções, o economista australiano revelou que ela será mais resumida, embora não soubesse dizer com quantas páginas. "Mudou tanta coisa que eu já nem sei" — justificou.

CETICISMO

Sobre o desempenho da economia brasileira, Beveridge demonstrou ceticismo quanto à possibilidade de se retomar os antigos índices de expansão do PIB (Produto Interno Bruto) da década passada. "Acho que vocês não voltarão a ter aquelas altas taxas" — opinou o

economista, deixando implícito que o PIB não apresentará crescimento real este ano e nem mesmo em 1984. De qualquer forma, ele acha que tudo vai depender da retomada do crescimento na economia americana, que já está apresentando taxas entre 6% e 7% ao ano.

"Se o crescimento americano puder ser sustentado por período mais longo, é possível que os reflexos positivos sobre economias exportadoras como a brasileira já ocorram no último trimestre do próximo ano" — afirmou o economista, acrescentando que ainda não tinha condições de precisar o que vai acontecer em 1985, pois sómente dentro de uns seis meses é que o Fundo coletará os dados para fazer aquelas projeções. Está prevista para novembro a volta de uma missão técnica ao Brasil, já para avaliar a economia deste ano e para fazer as projeções sobre 1985.

O economista do FMI manifestou ainda confiança no cumprimento das novas metas do programa econômico brasileiro, as quais não puderam ser cumpridas da vez anterior (por isso mesmo é que foram suspensas as liberações das parcelas de US\$ 411 milhões no final de maio e, agora, no final de agosto). Ele reconheceu também que o superávit comercial brasileiro em 1984 deverá ficar "bem acima dos US\$ 6 bilhões" programados para este ano. Ao ser indagado se acreditava mesmo que a inflação vai cair para 5% em dezembro próximo, Beveridge foi claro: "Isto terá que acontecer, do contrário..."